

EDITORIAL

Amig@s da Rede Educafro Minas,
Paz e Bem!

Comemoramos os seis primeiros meses de 2019 na expectativa de continuarmos aprendendo com os processos de resistência e de conquistas sociais do nosso movimento. Queremos nos unir, mais intensamente, enquanto pessoas engajadas numa educação livre e libertadora, para romper as correntes da intolerância, da violência e da estupidez presentes nos contextos atuais de escravização neoliberal no Brasil.

Ao recordar o objetivo principal da família Educafro, enunciado como “inserir e favorecer a permanência das populações negras, indígenas, migrantes, travestis e transexuais, bem como pessoas das camadas populares nas Instituições de Ensino Superior públicas e particulares com bolsas de estudos”, avaliamos que nosso percurso histórico de mobilizações, encontros e lutas, em âmbito nacional, tem favorecido o alcance exitoso de nossos ideais. No entanto, no momento presente do Brasil, recrudescem os assédios contra a conquista de direitos e a própria vivência democrática. A brutalidade administrativa da situação socioeconômica do país, os fanatismos das ideologias capitalistas e a violência bestial disseminada pelo pós-político atuam como forças que causam retrocessos na via da inclusão social. A vigente conjuntura, com seus múltiplos desafios, exige-nos sabedoria, audácia e ação em concerto, se queremos continuar como alternativa à exclusão. Os pilares que sustentam a nossa rede – o voluntariado, a autogestão, as vivências de negritude, cultura e cidadania – mantêm-nos na dinamicidade de uma educação descolonizadora e emancipatória.

Nesse sentido, de que a Educafro Minas resiste como movimento educador para a inclusão das diferenças e para a liberdade, o boletim *Presença Ativa* deve circular em nosso ambiente comum e em outros espaços que procuram conhecer sobre nossas filosofias e ações educacionais. Que a leitura dos textos que seguem seja interpretada como uma amostra de que estamos empenhados, coletivamente, na construção de uma sociedade mais consciente e solidária.

Equipe do Núcleo Sede da Rede Educafro Minas

EDUCAFRO MINAS: UMA REDE DE BONS EXEMPLOS



A Educafro Minas recebeu o Prêmio Bom Exemplo 2019 na categoria Educação. A cerimônia de entrega do reconhecimento, promovida pela Rede Globo, aconteceu no dia 28 de maio e contou com a participação de alguns representantes do movimento da Educafro Minas, sendo eles: Frei Ademilson (Diretor Executivo da Educafro Minas), Frei Valter (Educador da Educafro Minas), Reni (Educadora do Núcleo Atitude, na cidade de Ipatinga–MG), Ariene (Coordenadora de projetos da Educafro Minas), Janaína (Universitária Bolsista da Educafro Minas) e Andreia (Educadora do Núcleo UNA, na cidade de Belo Horizonte–MG).

A premiação dada ao movimento da Educafro Minas não aconteceria sem a solidariedade e a dedicação de todas e todos que exercem o trabalho voluntário e que acreditam numa educação inclusiva. Esse resultado é fruto de um trabalho sério e em conjunto, com responsabilidade e compromisso. O Prêmio Bom Exemplo significa o reconhecimento do gesto de solidariedade de voluntárias, voluntários e estudantes dentro do nosso movimento de educação e cidadania de negr@s e pessoas da camada popular. Esse prêmio identifica incontáveis bons exemplos de pessoas engajadas pelo bem comum, que nunca medem esforços para favorecer a inclusão social, sempre acreditando no poder transformador do trabalho coletivo.

Em vinte anos de história, os núcleos da Rede Educafro Minas afetam positivamente as distintas realidades das comunidades onde atuam. Aprendem e se desenvolvem dentro de valores que respeitam as diferenças, que produzem empoderamento, educação libertadora e, principalmente, amor. Antigos e atuais membros do movimento entrelaçam-se numa mesma história de afirmação, luta por direitos e resistência.

No contexto da premiação recebida, “Gratidão” torna-se uma palavra vivencial, pois a Educafro Minas insere-se na lógica de um movimento-ação gerador de oportunidades, alegria e esperança.



Dr. Pedro Gontijo*

Há um projeto político e econômico sendo implantado no país que é perverso com as populações mais empobrecidas, inclusive no acesso e permanência nos sistemas educacionais que devem ser públicos, gratuitos e de qualidade. Esse projeto é o neoliberalismo, que prega uma progressiva diminuição da presença do Estado na prestação de diversos serviços públicos, transferindo para a iniciativa privada a execução, gestão e outras tarefas nas políticas públicas. Uma agenda popular da educação precisa prever uma análise criteriosa dos artifícios desse projeto e uma formulação de propostas alternativas.

Quando as universidades públicas brasileiras atendiam principalmente os filhos da elite, sua existência ou custo parece que não incomodava tanto. Todavia, desde que na década passada o ensino superior e tecnológico passou por um importante processo de crescimento, interiorização pelo país e atendimento de populações empobrecidas, o discurso vem mudando radicalmente. Alega-se que as universidades públicas são muito caras, que o custo do aluno da instituição pública é muito maior que numa instituição privada, mas não se leva em conta que é nas instituições públicas que se investe pesado em ensino, pesquisa e extensão. A universidade pública é onde se concentra a imensa maioria das pesquisas de ponta feitas no Brasil atualmente. Comparar custo por aluno sem levar em conta o conjunto das variáveis envolvidas no funcionamento de uma universidade é reproduzir uma falácia chamada falsa analogia.

Esse processo de retirar a responsabilidade do Estado de ofertar educação pública também atinge a educação básica. Proliferam aqueles que defendem que o Estado deveria reduzir muito sua rede educacional e a transferir para a iniciativa privada. Seria dada a cada estudante carente uma espécie de cheque-educação e ele procuraria a escola que desejasse para estudar. É um “canto de sereia” muito tentador. Cada família teria a oportunidade de escolher a escola que desejasse. Na lógica que vemos imperar hoje nesse setor, podemos deduzir que sobriariam para os mais empobrecidos apenas as instituições mais desqualificadas e, portanto, mais baratas para colocar suas crianças. Nesse contexto, devemos acompanhar e fazer incidências junto ao Congresso Nacional, que está discutindo uma nova lei do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), que poderá garantir os recursos necessários para financiar a educação pública no Brasil nos próximos anos.

Educação desde o nível infantil até a pós-graduação em instituições públicas precisa ser entendida como um direito inalie-

nável para toda a população. Obviamente que as instituições privadas, confessionais e alguma outra modalidade podem e devem existir. A pluralidade enriquece o ambiente educacional. Para as populações mais carentes, optar por uma instituição privada precisa ser direito de opção e não falta de opção, ou seja, deve existir a opção da instituição pública gratuita de qualidade e socialmente referenciada. E não há problema se pessoas das classes média e alta também optarem pelas instituições públicas. O direito deve ser de todos. Aliás, se a classe média decidisse por escola pública, seria uma ótima oportunidade de lutar para que a qualidade da escola pública melhorasse.

Sobre o ensino superior, nós assistimos recentemente a discursos do presidente e do ministro da Educação desqualificando os investimentos na área da filosofia e das ciências humanas e sociais. As falas foram fruto apenas de preconceito e sem nenhuma base em dados sobre a realidade de mercado de trabalho ou qualidade da formação nessas áreas. Mesmo em regiões como o Vale do Silício nos Estados Unidos, onde temos uma grande concentração de empresas da área de tecnologia de informação e comunicação, existe mercado de trabalho para profissionais da área de humanas. As empresas de tecnologia precisam de profissionais das humanidades para compreenderem melhor as demandas da sociedade. Na prospecção, projeto e testagem de muitos aplicativos, por exemplo, há pesquisas conduzidas por profissionais da área de humanidades. O Papa Francisco já alertava com convicção na sua Encíclica *Laudato Si* a importância atual dessas áreas de conhecimento ao afirmar que “*uma ciência, que pretenda oferecer soluções para os grandes problemas, deveria necessariamente ter em conta tudo o que o conhecimento gerou nas outras áreas do saber, incluindo a filosofia e a ética social*” (LS 110).

Não se trata apenas de ser pública e de qualidade, mas, sim, de valorizar princípios adequados. Existem demandas em nossas sociedades que não podem ser conduzidas pelos interesses de mercado, pois, onde o lucro se torna a lei maior, a dimensão humana de nossas relações perde espaço. Retomando o Papa Francisco na mesma Encíclica acima citada, o vemos afirmar com propriedade que “*a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. Caso contrário, continuará a perdurar o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado*” (LS 215).

Para finalizar, não podemos esquecer que a Emenda Constitucional EC 95/2016 (congelamento dos gastos públicos federais por 20 anos) praticamente inviabilizou o Plano Nacional de Educação (PNE). A EC95 foi apresentada como solução para as contas públicas, mas na verdade condenou a educação brasileira a não atingir as metas do PNE. Junto com lutas para impedir reformas da previdência como propuseram Temer e Bolsonaro, temos que juntar forças para revogar a EC95, a reforma trabalhista e outras leis que têm confiscado direitos sociais importantes da população brasileira. Há legislação a ser tanto aprovada e quanto revogada para uma sociedade mais justa, fraterna e com educação pública de qualidade.

*Doutor em Filosofia pela Unicamp e membro da Comissão Brasileira de Justiça e Paz

ACONTECEU

NOMEAÇÃO DE NOVA EQUIPE DA SEDE DA EDUCAFRO MINAS

• Em janeiro de 2019, o Congresso Capitular da Província Santa Cruz nomeou uma nova equipe de frades para coordenar o Centro Franciscano de Defesa de Direitos, sede da Rede Educafro Minas, a saber: Frei Ademilson Salvino, Frei Irwin Couto Silva, Frei Marco Antônio Lomar e Frei Valter Vieira. Juntamente com os frades, a nova equipe da sede da Educafro Minas conta com a colaboração de Ariene de Cabral, Jéssica Lohani e Laci dos Santos.

DISPONIBILIZAÇÃO DE BOLSAS DE ESTUDO

• A Província Santa Cruz disponibilizou três novas bolsas de estudo para estudantes da Rede Educafro Minas, no início do ano de 2019: duas bolsas integrais para o curso de Psicologia (Centro Universitário UNA, Belo Horizonte–MG, e Unileste, Coronel Fabriciano–MG) e uma bolsa integrais para o curso de Enfermagem (Centro Universitário UNA, Belo Horizonte–MG).

• No início do ano de 2019, a Educafro (em São Paulo) presenteou a Educafro Minas com três bolsas de estudo integral na Universidade São Francisco (USF), em Bragança Paulista–SP. Atualmente, a universitária Rhayssa, do Núcleo Florescer, Divinópolis–MG, cursa graduação em Direito na USF com a bolsa integral e adapta-se a demandas de estudos acadêmicos, rotina de estágio e geração de renda.

ARTICULAÇÃO DE NOVOS NÚCLEOS

• Ao longo do primeiro semestre de 2019, a sede da Educafro Minas estabeleceu encontros e diálogos com lideranças sociais de Viçosa–MG e de Três Marias–MG, com o objetivo de animar e formar novos núcleos comunitários de pré-Enem nos referidos municípios. As articulações para estabelecer novos núcleos continuam.

ENCONTRO DE NÚCLEOS DA REDE EDUCAFRO MINAS

• Nos dias 27 e 28 de abril, aconteceu o Encontro de Núcleos da Rede Educafro Minas em Ubá–MG, animado pelo Núcleo Dr. Antônio Jacob da Paixão Carneiro. Durante o evento, marcado por atividades de integração dos núcleos, houve aprofundamento do tema “Educafro e Políticas Públicas: nenhum direito a menos!”. Sentimentos fortalecidos com as reflexões propostas, o compartilhamento das realidades do cotidiano de cada núcleo, roda de capoeira e espaço de amizade oportunizado com a ilustre visita da Congada Nossa Senhora do Rosário.



INAUGURAÇÃO DE NOVOS NÚCLEOS

- O Coletivo Roots Ativa, projeto que difunde a cultura Rastafári, em parceria com a equipe sede da Educafro Minas, inaugurou o Núcleo Pré-Encceja Marcus Garvey, na região do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte–MG. O novo núcleo, engajado em práticas de conservação ambiental, valoriza a permacultura e a produção de alimentos orgânicos.
- A Associação Aprumar, do município de Patrocínio–MG, que tem como objetivo transformar a sociedade através da educação e do voluntariado, organizou o Núcleo Pré-Enem Ismene Mendes, novo núcleo da Rede Educafro Minas, cujas aulas iniciaram-se no dia 6 de maio.
- Mobilizadores sociais da comunidade do bairro Bandeirinhas, em Betim–MG, juntamente com as Irmãs Carmelitas Missionárias, inauguraram, no dia 5 de junho, um novo núcleo pré-Enem da Rede Educafro Minas. As aulas do núcleo acontecem na Escola Municipal José Salustiano Lara.



ENCONTRO DE NEGRITUDE, CULTURA E CIDADANIA DA REDE EDUCAFRO MINAS

• No contexto da realidade de genocídio da população preta e pobre, sobretudo da juventude negra, que nos interpela à reflexão e ao compromisso por mudanças, aconteceu, nos dias 25 e 26 de maio, o Encontro de Negritude, Cultura e Cidadania da Rede Educafro Minas, em Ipatinga–MG, com o tema “Vidas pretas importam. Parem de matá-las!”. Agradecemos o Núcleo Atitude pela acolhida e pela excelente dinamização do encontro.



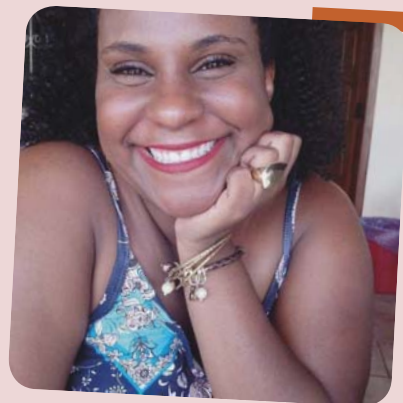
INAUGURAÇÃO DA CASA FRANCISCANA DE ESTUDANTES DA REDE EDUCAFRO MINAS

• No primeiro semestre de 2019, a Rede Educafro Minas inaugurou o projeto de moradia estudantil comunitária Vila Frei Mariano. Os universitários Sebastian (Núcleo Atitude, Ipatinga–MG, Ciências Biológicas–UFMG) e Alexandre (Ribeirão das Neves–MG, Teatro–UFMG) são os pioneiros desse projeto sonhado e discutido durante vários encontros e fóruns da Rede Educafro Minas. A Vila Frei Mariano, localizada no bairro Xangrilá, Contagem–MG, possui quatro casas, com capacidade de acolher 16 estudantes. Novas inscrições de universitários da Educafro Minas com interesse de residir na moradia são recebidas de modo permanente.



E VOCÊ DEVERIA GOSTAR MAIS DE VOCÊ

Ariene de Oliveira Cabral e Silva*



Num dia desses, eu estava bem atrasada para o serviço e, passando de um lado para o outro, dentro do meu quarto, onde fica um espelho bem grande, no desespero, esbarrei comigo mesma e isso me fez assustar diante do que eu estava vendo. Já li diversas coisas sobre aceitação do corpo, empoderamento, ser feliz na própria pele..., mas, ao me olhar nua naquele instante, fiquei pensativa durante algumas semanas. Repercuti com aquela imagem: coxas grossas, braço grosso, circunferência no tamanho de..., nem sei, só sei que naquele momento foi algo que me incomodou e me deixou bem triste naqueles dias.

Fico me cobrando tanto de mim mesma e, tendo como referência apenas um estilo de corpo, me enxergo da pior maneira possível, não porque eu quero, mas, sim, porque foi imposto, haja vista o país gordofóbico em que vivemos.

Eu perdi as contas de quantas vezes comecei um regime para eu tentar emagrecer. Eu sinto vergonha do meu corpo e do meu cabelo crespo, da minha pele manchada pelas estrias.

Lembro que, quando pequena, comecei a alisar o meu cabelo para me encaixar e me sentir dentro daquilo que as pessoas chamam de “padrões normais”. Como era frustrante tentar comprar roupa e não serviria, ou quando ia para escola, pois sabia que lá iria ouvir piadinhas sobre o meu corpo, minha pele e meu cabelo.

Hoje eu consigo compreender quantas vezes disse sim querendo dizer não, e sabendo que aquela pessoa NÃO era eu, a Ariene. Hoje tenho 26 anos. Desconstruir preconceitos é um caminho árduo, começar esse processo de aceitação é a coisa mais linda que está me acontecendo. Estou descobrindo que amor próprio é o melhor amor de todos e é fundamental para seguir em frente. Estou me livrando do peso que o mundo coloca sobre mim.

No atual momento em que nosso mundo vive, NÃO É POUCA COISA SER MULHER. Mas o que eu posso dizer ao final dessa história, que representa a intensidade dos dramas que eu vivi e vivo, é o seguinte: Mulheres, sejam gentis com o corpo de vocês e do outro. Seu corpo deve ser celebrado todos os dias. A superfície é muito, muito pequena diante da grandeza do nosso coração, razão e sentimentos, que não se definem pelo tamanho do nosso corpo, jeito de andar, vestir, mas, sim, pelo nosso modo de amar.

*Graduada em Direito, atriz em formação pelo Teatro Universitário da UFMG

CAPOEIRA

COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA RESISTÊNCIA NEGRA

Frei Ademilson Salvino dos Santos*

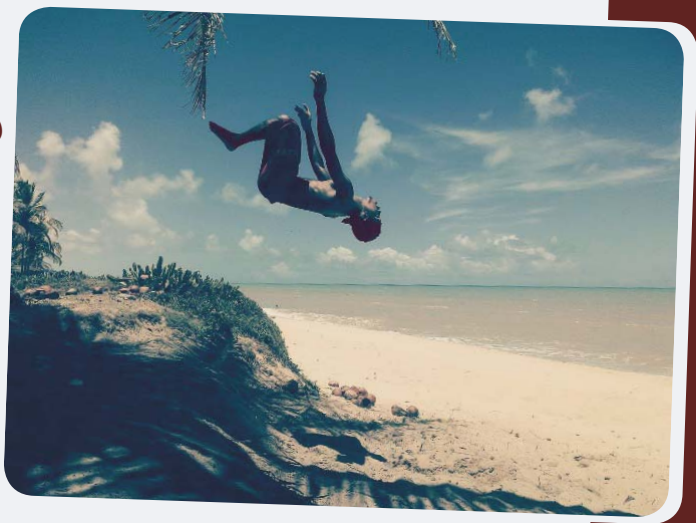
É preciso contextualizar o que representou a capoeira naquele tempo de escravidão, antes de compreender a capoeira em seus muitos significados que assume hoje, na vida social, sendo ela uma mistura de arte marcial, dança, música e filosofia de vida. A capoeira foi criada, sem dúvidas, como um mecanismo de combate à opressão, usando uma forma violenta para os negros serem libertos. Porém, as origens da capoeira remetem à prática de um ritual africano que marcava a passagem da vida adulta, chamado N'golo, em que os jovens guerreiros das tribos disputavam, com movimentos baseados na luta das zebras, as jovens mulheres, e cabia a quem melhor sobressaía o direito de escolher sua esposa entre as jovens, sem o pagamento do dote matrimonial. É nesse contexto que a capoeira vai tendo sentido, e, dessa forma, os escravos se escondiam em quilombos e sempre se atavam, lutando para que escravo solto pudesse ser liberto.

A capoeira chegou ao Brasil no século XVI, com os escravos da etnia banto, que vieram da África com os seus costumes, religiões, trajes e idiomas. Camuflou-se a capoeira em dança para não chamar a atenção das autoridades, uma vez que ela foi declarada como um crime. A partir de quando se incorporam músicas e instrumentos musicais em suas estruturas, tais como berimbau, pandeiro, atabaque, caxixi e agogô, a capoeira torna-se arte.

Durante a década de 1930, a capoeira sofre uma transformação importante, tomando uma nova roupagem. Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, grande nome da capoeira, sentindo a necessidade de dar à capoeira um caráter mais aceito socialmente, estabelece algumas modificações substanciais naquela prática que, até então, era tida como “coisa de marginais e desocupados”, constando inclusive no Código Penal Brasileiro de 1890, caracterizada como crime. Bimba busca apoio entre camadas das classes média e média-alta de Salvador-BA, constituída por universitários e filhos de personalidades importantes, e institui a academia – e não mais a rua – como espaço de aprendizagem dessa luta. Incorpora elementos de lutas marciais, como o karatê e o jiu-jitsu, e cria um método batizado de Luta Regional Baiana, que acabou ficando conhecido posteriormente como Capoeira Regional. A capoeira deixa de ser considerada crime no ano de 1934, no decreto do então presidente Getúlio Vargas, fato que se deve também, entre outros fatores, à influência do processo desencadeado por Mestre Bimba.

Em 2008, a capoeira recebe o reconhecimento público, ao se tornar o Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira, o 14º bem cultural registrado no Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural e Ministério da Cultura, que também incluiu o ofício dos mestres da capoeira no Livro dos Saberes e o da roda de capoeira no Livro das Formas de Expressão. Na atualidade, a capoeira torna-se uma forma de recordar a história. Não se deixa vencer pelo preconceito que sofreu ao longo do tempo, e enfrenta perseguições e outros desafios no âmbito sociocultural. Ela consegue dar a volta por cima, representando, assim, um dos principais símbolos da cultura brasileira.

A arte na capoeira se faz presente através da música, do ritmo, do canto, da expressão corporal, da criatividade de mo-



vimentos e da presença cênica. A luta representa sua origem e sobrevivência através dos tempos na sua forma mais natural, como um instrumento de defesa pessoal genuinamente brasileiro, e uma estratégia de resistência ao aniquilamento de uma cultura. Como modalidade esportiva, ela possui elementos que se identificam culturalmente com seus praticantes, despertando o interesse da comunidade em geral. A sua prática, como forma de lazer e recreação, representa eventos conhecidos na comunidade como “rodas de capoeira”, sendo evidentes os seus efeitos terapêuticos em termos educacionais, ocupacionais e de reabilitação.

Como memória denunciante, a capoeira representa e lembra muito bem o passado do nosso país. A repressão que os nossos antepassados viveram é recordada nas músicas e danças dessa arte que expressa a resistência negra. Dessa forma, a cultura africana jamais é esquecida, adapta-se e sobrevive.

ÀS VEZES ME CHAMAM DE NEGRO

Carolina Soares

Às vezes me chamam de negro
pensando que vão me humilhar.

Mas o que eles não sabem é que só me fazem lembrar
que eu venho daquela raça que lutou pra se libertar.

Que criou o maculê
e acredita no candomblê
e que tem um sorriso no rosto,
a ginga no corpo,
e o samba no pé.

Que fez surgir de uma dança,
luta aqui, pode matar.
Capoeira, arma poderosa,
Luta de libertação.

Branco e negro, na roda, se abraçam como irmãos...
Perguntei ao camará, o que é meu?

O que é meu irmão? Ô ô meu irmão do coração
O que é meu irmão?
Ô Camará o que é meu....

*Frade franciscano, graduando em Teologia e coordenador da Educafro Minas

Referências:

CAPOEIRA É PATRIMÔNIO CULTURAL. Disponível em: <http://bahia.com.br/atracao/capoeira-e-patrimonio-cultural/>.

A DANÇA NA CAPOEIRA. Disponível em: <http://www.magalicapoeira.com/historia-da-capoeira/a-danca-na-capoeira>.

AURORA: O NASCER DO FEMININO EM UMA MULHER TRANS



Aurora Gianasi Almeida*
Danilo Vizibeli*

No dia 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde tirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças, conhecida como CID, tirando o sufixo “ismo”, do termo “homossexualismo”, já que denota patologia, ou seja, doença. O psicólogo americano George Weinberg foi quem cunhou o termo “homofobia”, na década de 1960, que significa rejeição ou aversão a um indivíduo homossexual. “Fobia” vem do grego *phobos*, que significa medo e aversão, podendo se materializar por meio da violência no caso de indivíduos LGBTQ+. O termo da fobia direcionada a essa comunidade é LGBTQFobia.

O Brasil é o país que mais mata pessoas da nossa comunidade. O Dia Internacional Contra a LGBTQFobia, realizado em 17 de maio, em alusão à retirada da homossexualidade como doença da CID, é um dia de luta e reivindicações. Infelizmente, a transexualidade ainda aparece na CID, mas, recentemente, não é mais considerada um transtorno mental, e sim incongruência de gênero.

Dos assassinatos de pessoas LGBTQ+, 45% são de pessoas transexuais; o fato é que mais de uma pessoa da nossa comunidade morre por dia no Brasil e nós precisamos mudar esta realidade. Pensando nisso e em alusão a esta data tão importante, apresentamos uma entrevista com uma jovem e linda mulher trans: Aurora Gianasi Almeida. Eu a conheci no ano passado no Cursinho Pré-Vestibular Comunitário Núcleo Dércio Andrade – Educafro, onde sou voluntário. Na verdade, nossos caminhos já haviam se cruzado quando ela era uma criança e ainda usava seu nome civil. Só que, nas rodas da vida, à primeira vez que a vi, não sabia que eu já a conhecia.

Aurora é uma mulher trans. Na entrevista que segue, ela contou como é o enfrentamento, a aceitação e os desafios que tem que superar todos os dias na vivência em sociedade. A entrevista foi concedida no final de 2018. Hoje, Aurora é estudante de Enfermagem na Uemg (Universidade do Estado de Minas Gerais) – Unidade Passos. O sonho dela, entretanto, é cursar Medicina. Confira!

*Graduanda em Enfermagem (Uemg). Núcleo Dércio Andrade, Passos–MG
*Educador do Núcleo Dércio Andrade, Passos–MG

Como você se define e a partir de qual momento você percebeu que sua identidade de gênero era feminina e não masculina? Em que momento você percebeu que era uma transexual?

Desde o começo. Desde sempre, para falar a verdade. Eu sempre via que tinha algo de diferente comigo e eu não conseguia me identificar como *gay*. Eu sentia atração por homens, mas eu não conseguia me ver como homem que sente atração por homem. E foi um processo muito difícil até eu me aceitar como uma mulhertrans, porque eu vejo que transexual, travesti e outras denominações são rótulos da sociedade. Quem se autoidentifica é a própria pessoa. Por exemplo, eu me autoidentifico como uma mulher trans. Eu não sou uma mulher cisgênero, eu não nasci biologicamente uma mulher. Todo o processo começou por volta dos meus 17 anos.



Hoje você tem quantos anos?

Eu tenho 21 anos.



Como era sua sexualidade e sua afetividade na infância? Você sempre se sentiu atraída por meninos?

Sim, apesar de a identidade de gênero não ser a mesma coisa da orientação sexual. Eu poderia gostar de mulher. Eu poderia ser lésbica. Como eu sou uma mulher trans, é o mesmo padrão das pessoas heterossexuais. Eu sou uma mulher que gosta de homem.



Na infância você já sentia vontade de se vestir como mulher, de assumir uma posição feminina?

Sim. Desde sempre. É um processo de aceitação, um simples usar de roupa... Eu me sentia eu mesma quando usava roupas da minha mãe, ou sapatos da minha irmã. Eu sempre gostava, mas tinha medo, principalmente da reação da família, porque percebia que me olhavam com desprezo. Eu sabia que o meu jeito de ser incomodava.



Você disse que com 17 anos começou o seu processo de aceitação. Foi nessa idade também que começou o processo de transformação da sua aparência?

Então, eu acho que a transformação é desde sempre. É de dentro para fora. Não só uma questão de hormônios, mas a cabeça da pessoa, em como você enxerga o mundo. É uma transformação. É tirar os preconceitos da sua cabeça, porque, se eu não tirasse, eu não seria assim. Eu não seria uma mulher. Ninguém quer uma filha trans, um homem trans, um *gay*. Todo mundo quer o padrãozinho: um homem hétero, uma mulher hétero, cisnormativos. Ninguém quer aquilo que foge do padrão.



Como é o seu processo transexualizador? Você faz um acompanhamento médico e psicológico? É pelo SUS?

Esse processo é a hormonoterapia. Sim, eu faço um acompanhamento pelo SUS, mas os hormônios eu tenho que

comprar na farmácia. Mas a questão da transexualidade vai além. Isso não quer dizer nada. Há mulheres e homens trans que preferem não tomar o hormônio. Ser trans não é tomar hormônio, não é ter silicone, não é retirar os peitos. Não é isso. Ser trans é você se ver do sexo oposto ao seu sexo biológico. Há pessoas que querem fazer cirurgia e há pessoas que não querem.



E você quer fazer?

Tem muitas pessoas que perguntam isso para mim. É uma coisa muito pessoal. Na mesma hora que eu quero, eu não quero. Por exemplo, se algum médico chegasse para mim e falasse que aceitaria me operar, logicamente que eu iria, mas há outros fatores. Tem que ser tudo harmônico. Tem que haver a “passabilidade”, ou seja, que é aquela mulher transexual que possui as características femininas de forma que se passa por uma mulher cisgênero. Não quero fazer a cirurgia para me passar por “traveco” pela visão das pessoas ou para as pessoas ficarem me rotulando de homem afeminado. Eu sou uma mulher, isso fere minha identidade. Do que adiantaria eu ter uma vagina e as pessoas não me verem como uma mulher? Mas, mesmo assim, eu aceitaria fazer a cirurgia, pelo meu bem-estar com a minha imagem corpórea.



E em relação ao mercado de trabalho? Você já trabalhou após a transformação da sua aparência?

Sim, já trabalhei, mas não assumindo a figura feminina. Acho que posso considerar que eu era um andrógino. Era meio-termo, porque eu já tinha cabelo grande, eu tenho a feição delicada, o jeito muito delicado. Então isso passa a ser andrógino. Roupas, eu usava meio-termo, ora masculinas, ora femininas. Tinha o cabelo colorido, gostava de pintá-lo.



Em qual área você pretende atuar? Você já procurou emprego?

Eu quero fazer Medicina na faculdade. Já procurei emprego, mas é complicado. Até mesmo a questão do nome. Antes de ter o nome Aurora reconhecido, eu distribuía currículos com meu nome social, e, quando eles olhavam os documentos oficiais, viam o nome masculino. Há muito preconceito, sim. Eles olham uma aparência feminina e um nome masculino, e assim não querem empregar.



Você acha que em Passos o preconceito é ainda maior?

Sim, porque aqui é uma cidade pequena, em desenvolvimento, assim como o país. Pode até ter muitos habitantes, mas é uma cidade conservadora. As pessoas não têm a cabeça aberta. É uma ou outra pessoa que tem. É muito difícil a convivência. E é no dia a dia que você percebe até mesmo a violência. É uma cidade complicada.



Você já sofreu violência?

Sim.



Mas, aqui em Passos?

Sim, aqui em Passos.



De qual tipo?

Física, verbal... as mais variadas formas.



Isso é constante?

Então, quando eu não me vestia como mulher, parece que o preconceito era até maior, mas, ainda acontece. Eu percebo bastante. As pessoas são muito ignorantes, principalmente as mulheres. Elas são machistas e não respeitam. Não aceitam o meu nome, não aceitam que eu sou mulher só porque eu não menstruo e não posso ter filho. Os homens sempre fazem alguma agressão física ou verbal e até brincadeiras sem graça, sem contar o assédio o tempo todo.



Essa questão pesa para você – não menstruar e não poder ter filhos?

Sim, porque se eu fosse uma “mulher normal”, entre aspas, eu não passaria por tudo isso. As pessoas percebem que eu sou diferente.



E na sua família, como é? Você tem pais, irmãos? Como é a aceitação da sua família?

Eu tenho três irmãos, comigo são quatro filhos. Dois homens e duas mulheres. Eu sou a mais nova. É difícil a questão da família, porque também é uma família que vem de uma visão conservadora. Minha mãe tem 50 e poucos anos. Não é muito velha, mas nessa idade a criação que teve já é diferente da atual. E, antigamente, o preconceito era ainda maior. Muitas pessoas não entendem e têm preconceito, ou às vezes não querem entender mesmo. Não fazem questão de entender. Não têm como falar que aceitam só porque minha mãe anda comigo, porque ela compra roupas para mim; ela não aceita. Eu vejo, ainda, resistência da parte dela, dos meus irmãos e de minha família como um todo. Eu não converso com meu pai faz muitos anos. O meu irmão também é muito nervoso e até já chegou a me agredir diversas vezes; minha irmã também é conservadora, da família tradicional, e sempre diz que NUNCA serei mulher.



E como foi a escolha do seu nome? Por que “Aurora”?

Eu queria, no começo, Virgínia. Ia ser Virgínia Pocket. Pocket apenas porque eu gostava daquele desenho “Polly Pocket”, da boneca. E Virgínia veio de um desenho também que chamava “Lola e Virgínia” e eu gostava da personagem porque era loira, me identificava. E o tempo foi passando e eu me autointitulava Virgínia. Mas eu tinha medo de falar esse nome. E aí um amigo ajudou, achava o nome feio e acabou ficando Aurora. Eu achei diferente. E como significa “o amanhecer” achei também o significado bonito.



Quais os direitos que você gostaria que fossem respeitados e que ainda não são? E no Cursinho Pré-Vestibular como você se sente?

Ter os meus hormônios de forma gratuita, conseguir fazer a cirurgia e alguns procedimentos que pudessem ajudar. Que houvesse uma clínica social para procedimentos em melhoria da aparência em termos de perder as características masculinas ou femininas para as pessoas trans, porque a demora é muito grande, no caso das cirurgias. Acho que precisava ter um entendimento maior. No cursinho, eu me sinto bem. Só que eu acho que ainda falta abordar um pouco mais as diversidades.



E religião? Como é a sua fé? Como você trabalha a sua espiritualidade? Você acredita em Deus?

Eu sabia que você faria essa pergunta. É uma questão muito difícil. Eu não considero que eu tenha uma religião. Eu gosto muito do budismo. Mas, mesmo assim, não me considero uma adepta. Eu acredito em algo maior, um ser superior, não sei se é homem, mulher, se tem sexo, não sei. Eu acho que muitas vezes a religião mascara o preconceito. Às vezes, as pessoas que são religiosas falam que não têm preconceito, mas têm sim. O ambiente de uma religião é muito repressor. Se uma pessoa transexual entra numa igreja, ela é notada por todos. Eu já fui à igreja. E eu senti ódio no olhar das pessoas dentro de uma igreja.



Para finalizar: mesmo com tantas dificuldades, como você motiva a sua esperança? O que faz a chama da esperança pela vivência maior da diversidade na sociedade brasileira não se apagar? Quem é Aurora por Aurora mesma?

Acho que eu motivo minha esperança pensando em quando eu estiver lá na frente e olhar para trás e ver que eu consegui superar tudo, que passei por várias dificuldades e até hoje estou de pé, sou uma vencedora. Às vezes dá aquela vontade mesmo de desistir de tudo, mas o que me motiva a viver esta esperança é ver que eu vou conseguir passar por todas as dificuldades da vida como todo mundo passa. O que faz a minha chama não apagar? Eu vejo como uma estrela; nós nunca iremos apagar, sempre estaremos na lembrança de outras pessoas. Acho que isso deve ser com todos. Toda pessoa merece ser lembrada e tem seu brilho, sua luz. A Aurora é uma pessoa iluminada, muito boa, às vezes um pouquinho *bad*... Sou muito humana, sinto muito as coisas com intensidade, sinto muito amor, ou sinto muita tristeza, sempre em intensidade. Sou emotiva, brincalhona, falo muita bobagem também. E procuro focar no que eu quero fazer, nos meus sonhos, que é ser uma médica. Eu não desisti. Apesar de que muitos querem que eu desista, eu não vou desistir. A Aurora sempre estará disposta a incentivar e a mostrar a outras pessoas que devemos lutar, que podemos passar por todas as dificuldades e não seguir um caminho ruim, podemos contornar e tirar o melhor proveito de cada situação.



DIALÉTICA SEXUAL: SEM ALTERIDADE NÃO EXISTE RELAÇÃO SEXUAL ÉTICA



Gustavo Júnior
Andrade dos Reis*

O que significa ser livre sexualmente? Ser livre sexualmente é reconhecer que o outrem (ser humano) existe independentemente de mim e não deve ser tratado com opressão sexual (tirania), agir absolutamente conforme meus interesses e desejos sexuais – não se permitir agir instintivamente e fazer tudo que quiser com o corpo do outro –, pois eu também não quero ser servo dos desejos e instintos sexuais alheios. Ser livre sexualmente não significa apenas uma repressão dos corpos, castigar os “instintos humanos”, mas, antes de tudo, uma autonomia do ser humano em relação aos seus desejos, isto é, a capacidade que a pessoa tem para refletir até que ponto a sua ação sexual é justa ou injusta, correta ou errada, boa ou má em relação ao outro e a si mesmo em determinado contexto cultural, ou seja, uma batalha com os desejos e os prazeres, uma soberania de si mesmo. Portanto ser livre sexualmente é se relacionar com o outro de forma refletida (ética), controlar os impulsos sexuais, não apenas seguir um conjunto de normas sociais, mas dominar a ação em relação ao outro, de modo que não seja violada a autonomia sexual.

A relação sexual é um domínio sobre si, e não um domínio sobre o corpo alheio: para haver uma relação sexual ética, é preciso reconhecer a liberdade do outro corpo em relação a si. Permanece no imaginário coletivo da maior parte das pessoas que a relação sexual é um ato de dominador e dominado. Pois bem, até quem pensa dessa forma reconhece que o outro é livre (autônomo), porque é ilógico dominar uma pessoa que não tem liberdade. Em outras palavras, se uma pessoa não é livre, então não há como exercer domínio sobre ela. Se não há possibilidade de exercer o domínio sobre essa pessoa, então ela não pode ser dominada. Se uma pessoa não é livre, então ela não pode ser dominada.

Por exemplo, em um jogo de xadrez, os jogadores buscam capturar o rei do adversário (objetivo principal) e não as outras peças como torres, cavalos etc. (objetivo secundário), pois o jogo só termina quando o rei do jogador adversário não tem mais opção de movimento no tabuleiro “xeque-mate”, ou seja, as outras peças não são livres, uma vez que estão em função (domínio) do rei. Portanto, para ganhar (dominar) o jogo, é preciso capturar o rei adversário e não as peças que estão sobre o domínio do rei, dado que elas não são livres. O mesmo ocorre na relação de domínio entre as pessoas: deve-se reconhecer a autonomia do outro para poder dominá-lo.

Numa relação sexual, deve existir uma relação dialógica entre sujeitos livres, pois da mesma forma que entre o escravo (dominado) e o senhor (dominador) não pode haver diálogo, mas uma relação de domínio, entre dois corpos livres não pode haver outra coisa senão liberdade. Logo, é no reconhecimento da liberdade do outro (sem domínio) que reside a alteridade de uma relação sexual ética.

*Frade franciscano, graduando em Filosofia, educador do Núcleo Foco no Futuro

NO CAMINHO DA REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Letícia Rodrigues da Cruz*

Sou a Letícia, tenho 22 anos, sou estudante de graduação em Psicologia na Unileste – Coronel Fabriciano–MG. A minha história com a Educafro Minas é bem engraçada. Eu tentei fazer inscrição para participar das aulas do cursinho Pré-E-nem Comunitário, Núcleo Atitude, Ipatinga–MG, durante três anos; mas eu sempre perdia a data. Mesmo depois desses desencontros de agenda, eu consegui me inscrever no início do ano de 2018. Quando eu ingressei nas aulas, pensava que se tratava de um cursinho convencional. Não entendia bem a proposta, achava que era apenas mais um cursinho de Pré-E-nem como outros; eu não tinha o conhecimento da extensão do projeto da Educafro Minas.

Após a primeira aula de Negritude, Cultura e Cidadania, com a educadora Reni Batista, e aulas de outras educadoras, como a professora Raquel, pude observar o lado social que a Educafro traz para a vida da gente. Lembro também que a professora Rafaela enfatizava que aquilo não era algo robótico. Sempre que me perguntam o que é a Educafro, eu respondo que “é o melhor lugar, com as melhores pessoas”, porque, realmente, é incrível. Para quem tem a cabeça aberta, é mais fácil de lidar; é algo incrível mesmo, transformador. Guardo comigo, ainda, a fala da professora Rafaela, durante as aulas do cursinho: “eu espero que, quando vocês saírem do cursinho, lá fora, vocês vejam um mundo maior”.

Passei a ouvir as músicas de que eu gostava de uma forma diferente. Alguns livros que eu já tinha lido, ao fazer nova leitura, desenvolvi outra interpretação, mais crítica. A Educafro também me ajudou a construir uma consciência mais atenta sobre a inclusão educacional. Por exemplo, eu fui entender o significado do Enem no Núcleo Atitude, depois que eu já tinha saído do Ensino Médio. Antes, na escola pública, eu nunca tinha ouvido falar das razões do Enem. Só havia divulgação do Enem como uma prova, uma obrigação de inscrever e fazer provas. Não sabia as oportunidades que o Enem dava para o ingresso em Instituições de Ensino Superior públicas. Quem sabia, entre os alunos da minha escola, não repassava a informação, pois não achava relevante. Na Educafro é diferente; prezamos pelo espaço de compartilhamento e crescimento humano e profissional comunitariamente.

A Educafro motivou transformações na minha vida, ajudou-me a me encontrar muito como pessoa, não simplesmente



enquanto negra, mas enquanto pessoa. Pude refletir sobre quem sou eu, meus sonhos, me permitir conhecer, me aceitar... Tanto na parte do meu interior, da minha timidez, quanto na minha parte externa, pude aceitar que eu sou assim: negra, crespa e gorda.

No início de 2019, li o edital da bolsa integral da Educafro Minas para o curso de Psicologia. Eu ainda não havia decidido o curso de graduação que iria fazer. Estava em dúvida entre História, Psicologia ou Pedagogia. Eu tenho uma mania de pessimismo e sempre acho que não vou conseguir, mas, com apoio da Reni e de muitas outras pessoas, me inscrevi para o processo seletivo, fiz a prova, consegui e estou conhecendo melhor a Psicologia. Estou gostando muito da realidade do mundo universitário, dos professores, das disciplinas, convivendo com pessoas diferentes.

A maioria das pessoas com quem eu convivo possui a mesma realidade no que se refere à vida financeira: ficamos divididas entre trabalhar e estudar. Quando eu entrei para o cursinho da Educafro, a minha jornada de trabalho aumentou quatro horas, o que dificultou muito para eu estudar. Pensei em desistir, em sair do cursinho, pois estava bem cansada. Mas o importante é perseverar. Percebo que, quando estudamos em preparação para as provas do Enem, almejamos a nota maior de todas. Porém aprendi que o caminho é mais amplo que o objetivo final. Não basta conseguir a melhor nota no Enem, mas, principalmente, arriscar mais, ser perseverante e não desistir dos nossos sonhos.

*Graduanda em Psicologia (Unileste), Núcleo Atitude, Ipatinga–MG



MENTE PRETA

ESCURECENDO AS IDEIAS E REFAZENDO A CABEÇA



“Mente Preta” é um programa dedicado às pessoas que querem discutir as formas de enfrentamento ao racismo por meio da Psicologia e do trabalho com subjetividades. Trabalhando com temas que são transversais à temática do negro no Brasil, o podcast é direcionado a todas as pessoas (negras e não negras) que querem entender mais como as relações raciais afetam a psique e como podemos articular estratégias para enfrentar esse sofrimento.

E-mail:
programamentepreta@gmail.com

Twitter:
@mentepreta
twitter.com/mentepreta

BIODIESEL: O COMBUSTÍVEL DO FUTURO



Ana Maria^{*}; Brenda Oliveira^{a*};
Cilene Pereira^{a*}; Raquel Moreira^{a*};

Claudia Adriana^{b*#}; Filipe Siqueira^{a#}; Maria Walter^{b#}

a: Pré-Enem Educafro Minas. Núcleo UNA.

b: Centro Universitário de Belo Horizonte-UNIBH

*: Autores com igual contribuição para o trabalho

#: Orientadores do trabalho

O biodiesel é biocombustível renovável produzido a partir de óleos de origem vegetal como dendê, mamona, soja, algodão, entre outros, além de óleos de frituras e gordura animal. O biodiesel é considerado um combustível ecologicamente correto por ser biodegradável e menos poluente que os combustíveis fósseis, por ser constituído de carbono neutro (o gás carbônico gerado na sua queima é posteriormente reabsorvido pelas plantas oleaginosas durante o processo da fotossíntese) e também, ao contrário dos combustíveis tradicionais, por não conter enxofre. Este biocombustível é uma alternativa para a diminuição dos impactos ambientais e para o desenvolvimento sustentável do Brasil.

A fabricação do biodiesel se dá pela reação química de transesterificação (obtenção de um éster a partir de outro éster e álcool, sendo que a reação é catalisada na presença de ácidos ou bases fortes). A transesterificação permite transformar em combustível o óleo vegetal obtido das sementes. A composição química desse óleo é de três moléculas de ácidos graxos ligadas a uma molécula de glicerol. O glicerol proporciona ao óleo uma maior viscosidade.

ETAPAS DA FABRICAÇÃO DO BIODIESEL:

1. Tudo começa pela prensagem das sementes; isso faz com que o óleo bruto seja separado da torta (bagaço triturado);
2. Depois de separado o óleo bruto, inicia sua transformação por transesterificação;
3. Durante o processo, o glicerol é retirado do óleo vegetal, sendo substituído por outro álcool, deixando-o mais fino e menos viscoso;
4. O produto final do processo de transesterificação é o biodiesel: combustível ecologicamente correto.

O biodiesel apresenta muitas vantagens em relação aos combustíveis fósseis tanto no setor econômico quanto no socioambiental. Na área econômica, a produção de biodiesel promove o fortalecimento do agronegócio por atrair novos investimentos para este setor. O incentivo para produção deste biocombustível também estimula o desenvolvimento regional de forma sustentável, bem como promove a geração de emprego e renda principalmente no campo, por criar uma sinergia entre o complexo oleaginoso e o setor de álcool combustível.

Outra importante vantagem econômica da produção do biodiesel é a redução dos níveis de importações de diesel e petróleo, induzindo uma maior atividade econômica nacional que leva ao aumento de arrecadação tributária. O biodiesel também apresenta uma maior facilidade de transporte e armazenamento se comparado aos combustíveis tradicionais, devido ao seu menor risco de explosão; os subprodutos gerados podem ser utilizados como nutrientes para o solo agrícola. Em termos técnicos, a utilização deste combustível melhora a eficiência da combustão no motor do carro, pois aumenta o desempenho da ignição e lubrificidade, aumentando assim a vida útil dos motores.

Do ponto de vista socioambiental, a combustão completa do biodiesel gera pouca emissão de partículas poluentes se comparado ao diesel ou à gasolina. Esta menor emissão de partículas poluentes contribui para uma redução na taxa de doenças cardiovasculares e respiratórias causadas por poluição atmosférica.

Por outro lado, a utilização deste combustível também apresenta algumas desvantagens que são potencialmente corrigíveis a partir de políticas de incentivo a pesquisas científicas em biocombustíveis. As desvantagens apresentadas atualmente são:

- Geração de grande volume de glicerol como subproduto (ainda se fazem necessários mais estudos aprofundados acerca dos possíveis impactos gerados por este subproduto);
- Produção que pode ser mais cara que a do diesel comum dependendo da área e da matéria-prima utilizada;
- Produção de energia ligeiramente mais baixa que o diesel comum. Existem atualmente, em território nacional, poucos pontos de abastecimento de biodiesel se comparado ao diesel comum.

Tendo em vista o descrito acima, pode-se inferir que o grande desafio que se apresenta ao Governo Federal nos próximos anos é justamente desenvolver um Programa Nacional de incentivo à produção do biodiesel que compreenda as questões socioambientais, de modo a ampliar o acesso a pesquisas científico-práticas direcionado a estudantes do tema. Poder-se-á, assim, construir maior aproximação do assunto para com todo público interessado, promovendo a inclusão social a partir da criação de um projeto que englobe ciência, cotidiano e sociedade.

Bibliografias recomendadas:

BIODIESEL BR, Processo de Produção de Biodiesel. Disponível em: <http://www.biodieselbr.com/biodiesel/processo-producao/biodiesel-processo-producao.html>. Acesso em: 3 jun. 2018.

ABRAMOVAY, R. *et al.* *Biocombustíveis: A Energia da Controvérsia*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

ARRUDA, P. V.; RODRIGUES, R. C.; FELIPE, M. G. A. Glicerol: um subproduto com grande capacidade industrial e metabólica. *Revista Analytica*, São Paulo, nº 26, p. 56-62, 2006.

LUCENA, Thomas Krisp de. *A indústria de óleos vegetais e o biodiesel no Brasil*. Monografia de Bacharelado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto de Economia, junho de 2004.

O DIREITO PENAL NÃO É A VIA CERTA PARA SOLUCIONAR PROBLEMAS ESTRUTURAIIS

No dia 13 de junho de 2019, em decisão histórica, dez dos onze ministros do Supremo Tribunal Federal decidiram equiparar a palavra “LGBTfobia” com a palavra “racismo”, no sentido de que a discriminação pela orientação sexual ou pela identidade de gênero deveria ser punida de acordo com a Lei 7.716/89, conhecida como Lei de Racismo, a qual, atualmente, prevê tipos penais que envolvem discriminação ou preconceito em função da raça, cor, etnia, religião e procedência nacional. Os ministros, dessa forma, consideraram haver uma omissão inconstitucional do Legislativo em tratar sobre essa temática, fato que solidificou o entendimento da Suprema Corte no sentido de considerar a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero como crime.

No calor das emoções e na luta pela efetivação dos direitos humanos em um país que mais mata a comunidade LGBTQI+ no mundo, é totalmente compreensível a perspectiva daqueles(as) que defendem o posicionamento da Suprema Corte. Todavia nós não podemos acreditar integralmente em algumas notícias que têm sido veiculadas, as quais, muitas vezes, nos informam superficialmente sobre um problema que envolve não somente questões jurídicas, mas também sociais, culturais e criminológicas.

Vejamos, brevemente, algumas disposições constitucionais e infraconstitucionais:

Art. 2º CF/88 - São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.

Art. 5º, XXXIX, CF/88 - Não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação legal;

Art. 1º do Código Penal Brasileiro - Não há crime sem lei anterior que o defina. Não há pena sem prévia cominação legal.

O STF, em verdadeiro ativismo judicial, transcendendo sua competência estabelecida pela Constituição Federal, violou flagrantemente o princípio da legalidade e o princípio da separação dos Poderes, ambos consagrados pela Constituição Federal e pela legislação infraconstitucional. Tais princípios foram conquistados com muito custo (e resistência!) ao longo da história, além de serem essenciais para um Estado que se pretenda democrático. Além disso, a Suprema Corte, atuando com verdadeira analogia *in malam partem* (o que é proibido), equiparou palavras que, convenhamos, não possuem significados semelhantes, banalizando, mais uma vez, o real campo semântico inserido na palavra “racismo”.

Nosso país foi estruturado em alicerces de repressão a indivíduos determinados. A via proibicionista e punitivista foi instaurada desde a formação da sociedade brasileira. Culturalmente falando, estamos habituados e condicionados a pensar que a solução dos nossos problemas e das mazelas sociais que enfrentamos pode ser encontrada no Direito Penal, como se o encarceramento fosse uma consequência jurídica eficaz para combater o “mal”. Em vigilância, tentamos justificar alguns males impostos com racionalismos e ginásticas teóricas não tão bem-sucedidas. Vivemos, atualmente, em um contexto de encarceramento em massa: cerca de 726 mil pessoas estão sujeitas aos estigmas do cárcere, segundo dados do Infopen. Em cores, 64% desses

Alexander Teixeira*



indivíduos são negros. Esses números, alarmantes, podem ser ainda maiores, já que, segundo o relatório, não foi possível colher todos os dados de todos os estabelecimentos prisionais. Além disso, ocupamos o terceiro lugar no *ranking* dos países que mais encarceram no mundo.

Para mais, o Poder Judiciário brasileiro é formado, em grande parte, por indivíduos conservadores. Sobre a formação das gestões policiais, acredito que não é preciso detalhar muito em comentários... Você acredita na aplicação efetiva e igualitária da lei penal para todas as pessoas? Você acredita que toda a cifra da criminalidade vai ser levada ao conhecimento do Poder Judiciário? Você realmente acredita que, indistintamente, viveremos em um país que, pela via penal, toma uma medida urgente, ilegal e inconstitucional para “resolver” e “neutralizar” condutas discriminatórias? Não sejamos ingênuos. O simbolismo penal nos assola há anos e ainda não aprendemos nada com ele. Persistimos no discurso de fé, como se o Direito Penal fosse um ente que, em curto prazo, seria eficaz. Mas não é.

Agora, eu lhe pergunto: essa ginástica/aberração jurídica faz sentido? Em um país estruturalmente racista, machista e LGBTfóbico, que não tem direcionado investimentos para a educação; em um país que não investe na formação humanística de seus policiais, muito menos na eficiência de seus órgãos administrativos; em um país que não desenvolve políticas públicas que efetivamente concretizem os direitos humanos, faz sentido?

A “criminalização” da LGBTfobia nada mais é do que uma medida superficial para acalmar os ânimos, para fornecer à população a FALSA ideia de que, criminalizando, estaríamos mais seguros. Você, que assim como eu integra a comunidade LGBTQI+, se sente mais seguro? Que não nos contentemos com medidas superficiais e imediatistas, apoiando ativismos judiciais, os quais podem ser bastante perigosos (tendo em vista nossa conjuntura político-estrutural). Lutemos por políticas realmente mais eficazes!

Graduando em Direito, modalidade integral, pela Escola Superior Dom Helder Câmara. Graduando em Letras, habilitação licenciatura em português, pela UFMG. Ator em formação pelo Teatro Universitário da UFMG. Possui pesquisas nas áreas de relações étnico-raciais, criminologia, sociologia criminal, sociolinguística e teatro negro.

LISTA DE APROVADOS DO NÚCLEO LAUDELINA CAMPOS MELO POÇOS DE CALDAS – 2018

- 1 - Ana Luiza Azevedo de Souza, Direito (bolsa parcial), PUC Minas, *campus* Poços de Caldas.
- 2 - Anderlayne Schmidel, Nutrição, Pitágoras, *campus* Poços de Caldas.
- 3 - Eliana Ferreira Ramos Cunha, Biologia, Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, *campus* Poços de Caldas.
- 4 - Fernanda Maciel, Geografia, Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, *campus* Poços de Caldas.
- 5 - Gabriel Arofo, Engenharia da Computação, Instituto Federal do Sul de Minas, *campus* Poços de Caldas.
- 6 - Isabelle Maioline, Direito, Unifeob.
- 7 - Janaína Rodrigues, Administração (Prouni bolsa integral), PUC Minas, *campus* Poços de Caldas/ Gestão Comercial, Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, *campus* Poços de Caldas.
- 8 - Jean Leal, Gestão e Análise Ambiental, Universidade Federal de São Carlos/ Gestão Ambiental, IF Sul de Minas, *campus* de Poços de Caldas.
- 9 - Jéssica Batista, Geografia, Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, *campus* Poços de Caldas.
- 10 - Jonathan Santos Lima, Jornalismo, Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop)/ Ciências Contábeis (Primeiro lugar, bolsa integral do Prouni), Uninter, *campus* de Pouso Alegre.
- 11 - Letícia Ferreira, Pedagogia, UEMG, *campus* Poços de Caldas.
- 12 - Marina Fernandes, Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Tecnologia, Unifal, *campus* Poços de Caldas/ Engenharia de Produção, PUC Minas, *campus* Poços de Caldas (Prouni).
- 13 - Mayron César Caetano, Odontologia (bolsa integral), Pitágoras.
- 14 - Paola Cristina, Biologia, Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, *campus* de Machado.
- 15 - Stephany Mainny, Educação Física, Pitágoras.
- 16 - Vicente André Ferreira, Agronomia, Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, *campus* de Machado.
- 17 - Victória Braz, Direito, Unifeob.
- 18 - Vitória Moreira, Bioquímica, Universidade Federal de São João del-Rey (UFSJ)/ Medicina Veterinária, PUC Minas, *campus* Poços de Caldas (Prouni bolsa integral).
- 19 - Valdirene de Oliveira Souza, Psicologia, Pitágoras, *campus* Poços de Caldas/ Pedagogia, Uemg, *campus* Poços de Caldas.
- 20 - Wanderson Rodrigues, Geografia, Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, *campus* Poços de Caldas/ Técnico em Química, Pelicano (bolsa parcial).

NÚCLEOS DA REDE EDUCAFRO MINAS 2019

- Núcleo Ação e Ousadia – Ibirité
- Núcleo Águia – São José – Belo Horizonte
- Núcleo Atitude – Ipatinga
- Núcleo Bandeirinhas – Betim
- Núcleo Dércio Andrade – Passos
- Núcleo Dr. Antônio Jacob da Paixão Carneiro – Ubá
- Núcleo Florescer – Divinópolis
- Núcleo Foco no Futuro – Betim
- Núcleo Ismene Mendes – Patrocínio
- Núcleo Laudelina Campos Melo – Poços de Caldas
- Núcleo Liberdade – Comunidade Quilombola de Pinhões – Santa Luzia
- Núcleo Marcus Garvey – Aglomerado da Serra – Belo Horizonte
- Núcleo Maria Magela – Funcionários – Belo Horizonte
- Núcleo Marielle Presente – Providência – Belo Horizonte
- Núcleo Padre José Baldo – Milionários – Belo Horizonte
- Núcleo UNA – Lourdes – Belo Horizonte

Sede da Rede Educafro Minas

Avenida Amazonas, 314 – 3º andar.
Centro – Belo Horizonte-MG.
Telefone: (31)3271-3038
WhatsApp: (31) 9.9346-0149
educafrominasuai@gmail.com
Website: www.educafrominas.org.br